

A EUROPA PROCURA INIMIGOS PARA EVITAR OLHAR-SE NO ESPELHO

A União Europeia, incapaz de construir uma identidade própria, refugia-se na retórica antirrusa e no prolongamento da guerra na Ucrânia para mascarar fraturas internas, crises econômicas e ausência de um projeto político coerente.

Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A resolução adotada pelo Parlamento Europeu em 27 de novembro, reafirmando que nenhum território atualmente ocupado pela Rússia jamais será reconhecido como russo, é mais do que um gesto político. É um sintoma. Revela uma União Europeia (UE) que, ao invés de questionar seu papel em um mundo em rápida transformação, refugia-se em uma retórica marcial, quase puritana, como se a constante invocação da ameaça russa fosse suficiente para reconstituir uma identidade que o continente perdeu há muito tempo.

Essa rigidez parece ainda mais paradoxal considerando que os Estados Unidos, sob a presidência de Donald Trump, agora pressionam por um acordo negociado. A UE, ao contrário, acelera sua corrida desenfreada, como se a guerra na Ucrânia tivesse

se tornado a cola definitiva para mascarar as fraturas internas de um projeto político enfraquecido por uma profunda crise econômica, rivalidades nacionais persistentes e uma perda geral de coesão.

ALEMANHA EM CRISE, FRANÇA ENDIVIDADA, ITÁLIA EM EQUILÍBRIO

Esse renovado fervor ideológico em torno da Ucrânia serve a interesses muito específicos. A Alemanha vê no prolongado confronto um pretexto para militarizar sua economia em um momento em que seu modelo industrial está em declínio. A França se apegar a uma grandeza que se tornou essencialmente simbólica, enquanto suas finanças públicas se deterioram. Até mesmo a Itália, mais próxima de Washington do que de Bruxelas, segue a tendência de rearmamento na esperança de se reposicionar no cenário continental.

O paradoxo é bem conhecido: a Europa fala como uma potência estratégica, mas carece tanto dos instrumentos quanto da coesão interna. Não há um exército comum, há dependência total da OTAN, rivalidades entre os Estados-membros e políticas externas fragmentadas. Nesse contexto, a figura do inimigo russo serve como substituto para uma unidade inexistente. Um projeto comum é desnecessário se o medo pode ser mobilizado.

A GUERRA COMO SUBSTITUTO DA IDENTIDADE

As sociedades sempre fortaleceram sua coesão designando um adversário. Um “outro” que lhes permite definir o que acreditam ser. A Europa, incapaz de construir uma narrativa positiva sobre o seu futuro, reativou este mecanismo primitivo: quanto mais perde a capacidade de se conceber como uma comunidade política, mais projeta na Rússia o papel de perigo absoluto. Uma antiga potência, um antigo adversário, um gigante imperfeito, mas conveniente para caricaturas, Moscou tornou-se o espelho onde os europeus tentam esboçar uma identidade.

O problema é que esta construção do “vilão” tende a substituir a política real. O continente que se apresentava como um laboratório de paz vê-se agora herdeiro de uma retórica belicosa, de um rearmamento constante e de um envolvimento crescente numa guerra que não controla. A Europa acredita desempenhar um papel central quando, na verdade, apenas reage a dinâmicas geopolíticas decididas em outros lugares.

UMA ARQUITETURA INSTITUCIONAL QUE IMITA O ESTADO SEM SÊ-LO

A fachada de uma “Europa poderosa” desmorona assim que se examinam as suas instituições. O Parlamento existe, mas não detém plenos poderes legislativos. A Comissão finge ser um governo, mas as decisões cruciais são tomadas pelos chefes de Estado e de governo, cada um defendendo seus interesses nacionais. Quanto à defesa europeia, permanece mera retórica: enquanto a OTAN estruturar a segurança do continente, nenhum exército verdadeiramente europeu surgirá.

Trata-se de uma soberania simulada, uma arquitetura que se assemelha a um Estado, mas não funciona como tal. A guerra na Ucrânia evidenciou essa fragilidade: Bruxelas fala em diplomacia, mas as escolhas reais são ditadas pelos governos nacionais e, de forma mais ampla, por Washington.

A PROPAGANDA DAQUELES QUE JÁ NÃO CONVENCEM

Para compensar suas contradições internas, a UE cultiva uma narrativa que retrata a Rússia como um colosso à beira do colapso: um exército enfraquecido, uma economia debilitada, um regime moribundo. É uma história reconfortante, mas que explica pouco e contribui pouco para a construção de uma solução política. Isso é especialmente verdadeiro agora que os Estados Unidos estão reabrindo canais diplomáticos, com um encontro entre Trump e Putin no Alasca seguido de negociações na Suíça, e um Zelensky forçado a fazer com que seu povo de acostume com um doloroso acordo.

A Europa, por sua vez, responde com condições maximalistas, convencida de que uma “paz justa” só pode existir se Moscou capitular. Uma ilusão estratégica que prolonga a guerra mais do que ajuda a resolvê-la.

UMA EUROPA QUE TEME A PAZ

O cerne do problema, como muitos pensadores críticos já apontaram, é que a Europa não teme a guerra: teme a paz. A guerra permite mascarar as divergências entre Norte e Sul, Leste e Oeste, ricos e pobres. Legitima os gastos militares, atrasa as reformas econômicas e ocupa o espaço simbólico que as instituições já não conseguem preencher. A paz, por outro lado, obrigaria a União a examinar suas divisões internas, seus desequilíbrios e a falta de um projeto político coerente.

Não é por acaso que Bruxelas rejeitou até mesmo a ideia de uma anistia para a classe dominante corrupta que rodeia Zelensky. Acabar com a guerra significaria abandonar a última narrativa unificadora que restava.

UMA EUROPA SEM RAÍZES, CULTURA OU NARRATIVA

A tentativa falha de uma Constituição Europeia abriu um debate sobre as “raízes” do continente. Um debate teórico, rapidamente abandonado. Hoje, já não se fala em identidade europeia. A única linguagem que resta é a da urgência e do medo. A Europa, já sem saber como se descrever, opta por definir-se pelo inimigo que designa. Mas mesmo essa narrativa está ruindo. Apoiar a Ucrânia por mais dois anos exigiria mais de 200 bilhões de euros. Os cidadãos europeus, já abalados pela inflação da energia e pela desaceleração econômica, começam a mostrar sinais de cansaço. A ideia de usar ativos russos congelados para financiar o esforço de guerra é um claro indício de desordem política.

* * *

A Europa vive, para usar uma imagem de Camus, em um tronco de árvore oco. Uma estrutura que parece sólida por fora, mas ressoa com o vazio por dentro. Os europeus a habitam sem realmente saber como escapar. O continente se agarra a uma guerra que não escolheu evitar para confrontar o que se tornou: uma união que fala de paz enquanto se afasta dela, que proclama sua unidade enquanto se divide, que busca sua identidade no medo em vez de na cultura ou na política.

Enquanto a guerra durar, a UE poderá alegar existir. Mas uma comunidade que sobrevive apenas graças ao inimigo que designa inevitavelmente acabará se destruindo.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

**Giuseppe Gagliano é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
